

7. Reencontrar a alegria

Muitas vezes olhamos para a alegria como olhamos para as crianças, ou seja, como se fosse um sentimento que é estupendo, que agrada, é amado por todos, mas que mais cedo ou mais tarde passa, e por isso se considera como se ela não fosse realmente essencial para a maturidade da nossa vida, ao reto desempenho do nosso encargo e dever. No máximo, pensamos nisso com nostalgia, mas como que nos resignando a não reencontrá-la, como a inocência de nossa infância. E isto também na vivência da vida cristã, na vivência de uma vocação na Igreja e na missão, no ministério a que somos chamados.

Todas as vocações e missões, sobretudo as que implicam um compromisso pastoral ou educativo, por exemplo, a missão dos pais, devem sempre confrontar-se, mais cedo ou mais tarde, com a realidade da oposição, da adversidade, da hostilidade, enfim, do esforço para realizar com os outros a tarefa que nos foi confiada, a missão que nos é pedida. É difícil ser, como escreve São Paulo, "colaboradores da alegria" uns dos outros (cf. 2 Cor 1,24).

Quando experimentamos a oposição, a discordância, a hostilidade, evidentemente e inevitavelmente ficamos tristes, o encargo pesa sobre nós, perdemos a serenidade, perdemos a alegria. Na minha vida muitas vezes me vi nessa situação. Períodos em que a tristeza parece subir como uma maré, em que você se levanta de manhã pensando mais nos motivos de tristeza e decepção do que nos de esperança. O que me salvou não foi tanto a solução dos problemas, das adversidades ou dos meus limites em viver a missão, tudo coisas que nunca deixarão de nos atormentar. O que me salvou sempre foi a graça de reencontrar a alegria, ou, se quiserem, de redescobrir a alegria como graça, como surpresa, e de redescobrir nela a fonte da vida, da vocação, da missão.

Muitas vezes esta redescoberta da alegria foi de fato uma surpresa, ou seja, o dom da misericórdia de Deus que como que me reencontrou, ovelha e pastor perdido, comunicando-me a Sua alegria, aquela do seu amor que festeja quando salva e traz de volta para casa quem estava perdido ou pelo menos desorientado. No entanto, a experiência dessa surpresa, ao longo do tempo, tornou-se consciência de que essa alegria eu devo também buscar, reencontrar, pedi-la, cultivá-la, justamente para não ficar sempre como um caniço de palha dominado pela tristeza, a tristeza dobrada em si mesma, tingida de pessimismo, que é como um redemoinho no rio que, em vez de deixar você continuar a fluir em direção ao mar, ele arrasta você para o fundo lodoso onde você será sufocado.

Eu dizia que muitas vezes consideramos a alegria como nossa infância inocente, ou seja, com nostalgia resignada. Mas, à luz do Evangelho, sabemos que essa consideração nostálgica é uma posição pagã, não evangelizada. Por quê? Porque Cristo nos anunciou: "Neste momento, os discípulos aproximaram-se de Jesus e perguntaram-lhe: 'Quem é o maior no Reino dos Céus?'. Jesus chamou uma criancinha, colocou-a no meio deles e disse: 'Em verdade vos declaro: se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no Reino dos Céus. Aquele que se

fizer humilde como esta criança será maior no Reino dos Céus. E o que recebe em meu nome a um menino como este, é a mim que recebe.” (Mt 18,1-5).

Se Jesus nos pede que nos convertamos para nos tornarmos como crianças, significa que isso é possível, que a infância não é um passado a lamentar, mas o horizonte possível da nossa conversão, do nosso amadurecimento humano e cristão, da maturidade da nossa vocação e missão. Jesus, no fundo, move nossa infância do passado ao futuro, de trás de nós para o horizonte ao qual estamos caminhando.

O mesmo se aplica à alegria, aliás (!), isto aplica-se *contemporaneamente* à alegria, porque à criança se associa uma capacidade, eu diria, natural de se alegrar, de exprimir a alegria do coração, como relação com as pessoas e a vida. No entanto, tudo isto, Jesus não nos propõe como um regresso ao passado, mas como o horizonte aberto de um caminho de conversão, como algo que podemos e devemos tornar-nos: "se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas".

No fundo, Jesus nos propõe a infância como um novo início a partir do qual devemos sempre recomeçar. Mesmo a Igreja inteira só cresce retornando constantemente e em cada época ao seu início permanente, ao seu nascimento e infância, que é o Pentecostes, acontecimento no qual o Espírito torna comum a todos o início do Anúncio a Maria e o seu «Eis-me aqui!», o início da Encarnação do Verbo, o início do chamado de Pedro e de todos os Apóstolos, o início de cada encontro com Jesus no Evangelho, o início do anúncio do Evangelho, o início da Última Ceia, da Paixão e Morte do Redentor, sobretudo o início absoluto da Ressurreição.

E tudo isso tem uma ressonância psicológica e espiritual, mas também física, em nós: a alegria, o mistério da alegria, a graça da alegria. Mas devemos entender o que isso quer dizer e nos deixar ensinar pela Palavra de Deus e pela experiência dos santos.

Ao mesmo tempo, porém, enquanto eu preparava estas meditações sobre a alegria, não podia abstrair-me de tanta dor que atormenta o mundo inteiro: guerras, injustiças, pobreza e fome, falta de sentido para a vida. Também não podia abstrair-me das muitas pessoas doentes ou atormentadas que me pediam oração e comunhão. Eu dizia a mim mesmo: não posso meditar e falar de alegria se nessa alegria o sofrimento da humanidade não encontrar um lugar central. Condição indispensável para a verdadeira alegria é que ela não censure nada do sofrimento humano, caso contrário seria uma alegria falsa e hipócrita. Como pode a minha alegria conviver com o sofrimento da humanidade, com a guerra na Ucrânia e todas as outras guerras de que muitas vezes só fala o Papa, ou com as devastadoras catástrofes naturais?

Aqui tocamos em um aspecto essencial que devemos aprofundar: o vínculo indissolúvel entre a verdadeira alegria e o amor. Uma alegria que censura a dor é uma alegria egoísta, dobrada sobre si mesma, que não irradia. A alegria cristã, a alegria de Cristo, aquela que Ele nos promete, é uma alegria inseparável da caridade.